



## PROF. DR. JOSÉ COTTER, PRESIDENTE DA SPG

# “O diagnóstico das hepatites virais é tão fácil quanto necessário”



As hepatites virais são doenças comuns na população mundial, originadas pela penetração no organismo humano de vírus que apesar de terem características e agressividades diferentes, têm em comum o facto de provocarem inflamação do fígado. Em alguns casos, como mais frequentemente acontece nas hepatites B e C, se essa inflamação não for controlada ou o vírus eliminado, desencadear-se-á uma deterioração progressiva das funções hepáticas originada por uma destruição irreversível das suas células, que em alguns casos só é possível de resolver com um transplante hepático.

Em Portugal, “existem apenas estimativas sobre o número de pessoas infetadas”, refere o Prof. Dr. José Cotter, esclarecendo que “quando se fala das hepatites B e C, poder-se-ão pensar em cerca 100-150 mil pessoas atingidas”. Tendo em conta que “durante largos anos a infeção decorre sem causar qualquer sintoma, ainda existem muitos cidadãos atingidos e que o desconhecem por completo, com todos os aspetos negativos inerentes, quer no que diz respeito ao risco de contagiosidade, quer no que se refere à deterioração *silenciosa* do seu próprio estado de saúde”, alerta o presidente da SPG, lembrando que “o diagnóstico das hepatites virais é fácil e necessário, uma vez que está ao alcance de uma simples análise sanguínea”. O problema, lamenta, “é que os cidadãos não estão ainda suficientemente informados nem sensibilizados para a necessidade de fazer esse rastreio”.

Tratando-se de doenças víricas com risco de contagiosidade, “o problema terá de ser equacionado em termos de saúde pública, com investimento no rastreio, diagnóstico precoce e tratamento”, defende o especialista, salientando que “se no caso da hepatite B, com a decisão inteligente da integração da vacina no Programa Nacional de Vacinação, o número de doentes infetados tende a diminuir, na hepatite C muito ainda há a fazer, embora já se tenham dado passos importantíssimos no respeitante ao tratamento e à sua acessibilidade”.

No entender do gastroenterologista/hepatologista, é preciso ainda atentar na necessidade dos doentes considerados curados após tra-

Em Portugal, as hepatites víricas são um importante problema de saúde pública. Um verdadeiro *iceberg*, na medida em que o subdiagnóstico prevalece em níveis muito elevados, ainda que a confirmação da infeção dependa de “uma simples análise ao sangue”. O alerta parte do gastroenterologista/hepatologista e presidente da Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia, Prof. Dr. José Cotter, para quem “os cidadãos ainda não estão suficientemente informados, nem sensibilizados, para a necessidade de realizarem, pelo menos uma vez na vida, um rastreio destas doenças”. Em conversa com o nosso jornal, o também diretor do Serviço de Gastroenterologia do Hospital da Senhora da Oliveira passou em revista alguns conceitos-chave no que concerne à epidemiologia, diagnóstico, abordagem clínica e tratamento das hepatites víricas no nosso país



tamento, no caso de terem tido infeções ao longo de anos ou diagnóstico de cirrose associada, deverem manter consultas regulares, pois algumas alterações que se geraram no fígado podem permanecer e em alguns casos desencadear complicações.

### HEPATITE B: VACINAÇÃO TEM PERMITIDO BAIXAR INCIDÊNCIA

De facto, para a hepatite B “possuímos hoje uma vacina integrada no Programa Nacional de Vacinação, muito eficaz, que tem permitido baixar a sua incidência”, reforça o presidente da SPG. Estima-se que esta infeção possa afetar cerca de 1% da população e que a imigração africana e dos países do leste europeu possam fazer subir a prevalência. Em cerca de 20% dos casos pode evoluir para a cronicidade, com uma elevada taxa de transmissão por via sexual, mas também através do sangue e dos seus derivados, além da transmissão vertical (de mãe para filho quando do parto). Na maior parte dos casos, a infeção crónica é assintomática, sendo apenas detetável por simples análises sanguíneas. Também cerca de 22% dos cancros hepáticos a nível europeu estão associados à existência de infeção pelo vírus da hepatite B. “Torna-se, por isso, importante a adequação dos cuidados necessários aos doentes infetados (ausência de partilha de instrumentos traumáticos ou que possam ter contacto com sangue, utilização sistemática de preservativo quando de relação sexual com parceiros não vacinados, vacinação do agregado familiar)”, sustenta o médico.

### HEPATITE C: RASTREIO “PELO MENOS UMA VEZ NA VIDA”

Também a hepatite C poderá infetar cerca de 1,0% da população portuguesa, atingindo em muito maior escala os consumidores de drogas, onde infecta mais de 80%.

Sabe-se que o sangue infetado é a principal via de transmissão, sendo rara a transmissão por via sexual ou da mãe para o bebé. Mas, num número importante de cidadãos infetados com este vírus não é possível identificar a causa da transmissão, pelo que tendo em consideração que a infeção decorre na maior parte das vezes de forma silenciosa, a SPG vem sugerindo que pelo menos uma vez na vida o cidadão faça um rastreio desta hepatite, através de uma simples análise sanguínea.

Estima-se que o número de mortes relacionadas com a infeção pelo vírus da hepatite C em Portugal seja de cerca de mil por ano, uma vez que a infeção não tratada pode desencadear complicações graves como cirrose hepática em 30 a 40% dos casos ou cancro do fígado.

**No que concerne à terapêutica das doenças víricas, e no respeitante à hepatite C, “dispomos hoje de tratamentos de curta duração (doze semanas na maior parte dos casos), com muito poucos efeitos colaterais, cómodos (administração oral) e com elevadas taxas de eficácia (cura em cerca de 95% dos casos), prevenindo-se o aparecimento num curto prazo de mais fármacos ou combinação de fármacos que tenham eficácia pangénotípica”, adianta José Cotter**

### ESTADO DE ARTE E AVANÇOS TERAPÊUTICOS

No que concerne à terapêutica das doenças víricas, e no que diz respeito à hepatite C, “dispomos hoje de tratamentos de curta duração (doze semanas na maior parte dos casos), com muito poucos efeitos colaterais, cómodos (administração oral) e com elevadas taxas de eficácia (cura em cerca de 95% dos casos), prevenindo-se o aparecimento num curto prazo de mais fármacos ou combinação de fármacos que tenham eficácia pangénotípica”, adianta o Prof. Dr. José Cotter. De acordo com o especialista em Gastrenterologia/Hepatologia, “torna-se necessário manter uma boa acessibilidade dos doentes aos tratamentos, situação em que Portugal é um bom exemplo a nível mundial”. Contudo, advoga, “existem alguns nichos que

ainda não estão abrangidos (prisões, centros de tratamento de toxicod dependência), e que deverão sê-lo depois de concertada uma política integrada que tenha em consideração outros aspetos relacionados com os fatores de risco”.

Relativamente à hepatite B, os tratamentos existentes permitem controlar a doença impedindo a sua progressão e consequente deterioração, mas apenas muito raramente a cura. “Os tratamentos disponíveis nas consultas de Gastrenterologia e Hepatologia, administrados por via oral, com pouquíssimos efeitos colaterais, ainda que raramente proporcionem a cura definitiva, permitem um controlo da inflamação com consequente diminuição do risco de evolução para cirrose ou para cancro do fígado”, explica o Prof. Dr. José Cotter, concluindo que, “aguarda-se que à semelhança do que aconteceu na Hepatite C, em breve possam aparecer fármacos que proporcionem elevadas taxas de cura definitiva, permitindo ambicionar que estas doenças possam vir a ser extintas num cenário de médio prazo”.

### MEDICINA FAMILIAR E GASTRENTEROLOGIA DE “MÃOS DADAS”

Na abordagem destes doentes, “o médico de família tem um papel fundamental, nomeadamente no âmbito do rastreio e/ou diagnóstico precoce”, destaca o médico de Guimarães. Pelas razões já expostas, a SPG tem vindo a advogar que, no respeitante à hepatite C, cada cidadão faça pelo menos uma vez na vida a análise que permite rastrear a doença, preferencialmente entre os trinta e os quarenta anos. Se nunca tiverem efetuado esse rastreio, deverão realizá-la depois dessa idade.

No caso da hepatite B, “ainda existe muita população adulta não vacinada que também deverá ser rastreada, com especial ênfase nas famílias de risco que foram vítimas de transmissão vertical. No caso de positividade das análises os doentes deverão ser referenciados a consulta de Gastrenterologia, para fazer o estadiamento da doença e o respetivo tratamento e vigilância”, aconselha o especialista, recordando: “Não esqueçamos que, para além de outras complicações que podem causar, estes vírus têm potencial oncogénico”.

A referenciação por parte da Medicina Geral e Familiar é fundamental, uma vez que “a Gastrenterologia, sendo a especialidade que comporta uma formação específica em Hepatologia e sendo mesmo a única que pode legal e reconhecidamente conferir a subespecialidade em Hepatologia, é aquela que de forma abrangente está indicada para tratar estes doentes, estas doenças e as suas potenciais complicações”, remata.



**DOENÇAS VÍRICAS:  
PROF. DR. JOSÉ COTTER**  
“O diagnóstico das hepatites  
virais é tão fácil quanto  
necessário”